

Uma comédia romântica sob novos códigos



PÁGINA 3

Muato, um colecionador de prêmios teatrais



PÁGINA 5

Mishaal Tamer, o saudita que virou sucesso pop



PÁGINA 6

2º CADERNO

Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Googleando o nome de Aldo Baldin (1945-1994) em bons buscadores da web, chega-se a uma performance do tenor catarinense, gravada em 1987, testando a extensão (e ponha extensão nisso!) de sua voz a serviço de J. S. Bach (1685-1750). No YouTube, encontra-se um LP dele, acompanhado pelo pianista Paul Dan, a passear por Schubert, Brahms e Strauss. A trajetória meteórica do cantor lírico brasileiro na cena musical europeia, sobretudo na Alemanha, inspira uma investigação documental delicada perpetrada pelo jornalista e cineasta Yves Goulart, que nasceu na mesma cidade dessa ave canora que homenageia numa costura de imagens de arquivo e depoimentos: Urussanga (SC). Vai ter sessão do longa-metragem nesta quinta, às 18h, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB – Rio, com apoio da Cinemateca do MAM). A entrada é franca.

“O maior presente que Aldo deu à sua terra natal, Urussanga, foi a gravação publicada em 1987 pela Kuarup Discos: o LP “Heitor Villa-Lobos - Serestas, Bachianas & Canções”. Na capa, estão Aldo Baldin e a Igreja Matriz de sua cidade, o que foi uma maneira de homenageá-la”, conta Yves, ao Correio da Manhã. “Na época, esse LP foi finalizado com doações da comunidade urussanguense. A viúva do cantor, a violinista Irene Flesch Baldin, confessou que o desejo de Aldo era também gravar um disco com canções populares italianas para sua cidade, mas, infelizmente, não deu tempo”.

Diretor de “Villa-Lobos por uma Soprano” (2011) e “Francisco de Assis: Uma Lição de Vida” (2014), Yves vive entre Brasil e Nova York há quase duas décadas e descobriu Baldin em 2009, quando uma



Voz da memória

CCBB exhibe documentário sobre Aldo Baldin, tenor catarinense que fez fama nos palcos da Europa interpretando composições de ícones da música clássica

Aldo Baldin saiu de Santa Catarina para ganhar os palcos da Europa com a potência de sua voz

amiga apresentou a ele o LP com referência a Urussanga. “O que Aldo trouxe de mais encantador para a música o domínio de vários estilos. Ele dominava com excelência Mozart, Bach, Rossini, Verdi, Mahler, Villa-Lobos, Claudio Santoro, entre outros, com uma técnica que respeitava as épocas de cada compositor. Por isso, suas gravações servem de referência até hoje para alunos, pesquisadores e admiradores do canto lírico”. **Continua na página seguinte**

CORREIO CULTURAL

Vivian Ribeiro/Divulgação



Wilson foi autor de inúmeros sambas de sucesso

Show-homenagem ao bamba Wilson Moreira no Rival

O Teatro Rival Petrobras abre seu palco nesta quinta-feira (19), às 19h30, para um tributo ao saudoso cantor e compositor Wilson Moreira (1936-2018), autor de sambas memoráveis que os brasileiros não esquecem e que completaria 88 anos no último dia 12.

A homenagem terá uma roda de samba comandada pelo grupo As Herdeiras do Samba, composto por Geisa Ketti (filha de Zé Ketti), Eliane Duarte (filha de Mauro Duarte), Monica Trepte (filha de Casquinha) e Andréa Moreira (filha de Wilson), que vai lançar o livro "Salve essa Bondade", uma biografia afetiva do pai, com prefácio da escritora e pesquisadora Marília Trindade Barboza.

Vários convidados confirmados

Para cantar sucessos de Wilson – como "Candongueiro", "Coisa da Antiga", "Fidelidade Partidária", "Gostoso Veneno", "Goiabada Cascão", "Senhora Liberdade" (todas em parceria com Ney Lopes), "Judia de Mim" (com Zeca Pagodinho) e "Quintal do Céu" (com Jorge Aragão) – o grupo vai contar com vários convidados, entre os quais Tia Surica, Dorina, Bia Aparecida, Iracema Monteiro, Alan Monteiro, Tiãozinho da Mocidade, Marquinhos do Pandeiro, Zé Luiz do Império, Zilá Lima, Didu Nogueira, Giovana Basílio e Darcy Maravilha.

Teatro na Maré

O Entre Lugares Maré apresenta dois espetáculos gratuitos esta semana no Museu da Maré: "Incabada", montagem dos alunos veteranos do grupo; e "Tudo Fica Melhor Com Amigos", com adolescentes e adultos neurodivergentes e PCDs.

Teatro na Maré II

O projeto oferece ao longo do ano, de forma gratuita, uma variedade de aulas envolvendo corpo, dramaturgia, dança, canto, atuação e atividades de criação artística e técnicas na área teatral. As apresentações no Museu da Maré são gratuitas.



O cineasta Yves Goulart na Sala Grande Otelo durante o In-Edit Brasil, Festival Internacional do Documentário Musical

Filme amplia interesse pelo artista

Algumas dessas gravações podem ser encontradas em CDs e LPs à venda na Internet, e pouco a pouco, estão sendo republicadas no Spotify por importantes selos e gravadoras com os quais ele trabalhou durante a sua carreira. A circulação do filme "Aldo Baldin - Uma Vida pela Música" por festivais no Brasil e nos EUA (em Miami e NY) amplia o interesse pelo artista.

"Descendentes de imigrantes italianos, que colonizaram o sul de Santa Catarina, tinham o hábito de cantar na roça. Na família Baldin, não era diferente", conta Yves. "Quando criança, Aldo e as irmãs cantarolavam canções folclóricas e árias de ópera entre a casa e lavoura, conforme lembra, com nostalgia, a sua irmã Delfina Baldin, no filme. Baldin trazia na alma o espírito das músicas napolitanas, como 'O Sole mio'. Ao mesmo tempo que ele dominava os clássicos, gostava de cantar as músicas populares italianas, inclusive as brasileiras, como 'Azulão', de Manoel Bandeira e Jai-

me Ovalle, ou 'Ouve o Silêncio', de Santoro e Vinicius de Moraes".

Quando chegou à casa de Irene, em junho de 2012, para gravar entrevistas, o diretor ganhou da companheira de Aldo três fitas cassetes gravadas por seu finado marido, alguns dias antes de ele morrer. Nos K-7s, ele narra em primeira pessoa sua trajetória desde a infância, andando descalço com frio de zero grau para ir à escola primária. Nesses áudios, ele fala ainda de sua estreia na Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA) e lembra sua chegada ao Rio de Janeiro, morando em uma pensão na Lapa, cantando em casamentos para sobreviver. Entre as recordações, estão a conquista de uma bolsa de estudos na Alemanha e a chance de cantar com grandes maestros, como Herbert von Karajan, no Vaticano, na Missa da Coroação de Mozart. Essa gravação serve de espinha dorsal ao filme.

"Também tive acesso a mais de vinte mil fotografias em papel e slides. Nas imagens, vemos a vida íntima de Aldo com a família, seus dias

da escola de canto, a interpretação de personagens na Deutsche Oper Berlin. São cerca de 40 fitas Beta de duas horas de duração cada, com gravações inéditas de Aldo cantando em casa, no piano, além de registros de concertos e de entrevistas das televisões alemãs", conta Yves, que também assina a delicadíssima montagem do longa. "Todo esse material, de mais de quatro mil horas, estava quase mofando, mas foi digitalizado em Berlim para ser usado no documentário, sem contar as 70 fitas cassetes gravadas nos concertos, que Aldo fazia questão de registrar ao vivo. Perguntei pra Irene o porquê de todas essas gravações e ela respondeu que era para o acervo dele e, principalmente, para estudos da sua própria técnica. No início, essa imensa quantidade de material me dava uma angústia de como contar a história de Aldo sem perder a essência de sua biografia. Irene foi essencial durante o processo de seleção do material utilizado no documentário e, além disso, ela assina a direção musical. Sem ela, o encaixe preciso das músicas na narrativa do filme não seria possível. Para cada momento ou situação no roteiro, a música entra como um fio condutor. Eu não queria fazer um documentário somente de cabeças falantes, mas, sim, utilizar as músicas cantadas por ele como elementos de narração da sua história. Por isso, eu chamo o filme de um documentário operístico".

Divulgação



O amor entre Charlotte (Sandrine Kiberlain) e Simón (Vincent Macaigne) se desenrola com humor em *'Crônica de uma Relação Passageira'*

Custa, mas uma hora o amor chega

Revelada por Cannes há dois anos, *'Crônica de uma Relação Passageira'*, comédia romântica que renova o gênero, chega enfim ao Brasil propondo uma reciclagem de códigos afetivos

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Levou um tempão, dois anos e sete meses contados dia após dia, mas, enfim, a comédia romântica mais arrebatadora da Europa nesta década, *'Crônica de uma Relação Passageira'*, vai enfim chegar ao circuito brasileiro. A Mostra de São Paulo prestigiou essa joia em 2022 e o Varilux a projetou em 2023. Agendaram e reagendaram seu lançamento múltiplas vezes. De hoje, não passa: o diretor Emmanuel Mouret acabou por encontrar tela no Rio de Janeiro.

Sua estética segue a dica de um francês, o dramaturgo Jean Anouilh (1910-1987), autor de *'O Viajante Sem Bagagem'*, que afirmava: "Existe o amor, é claro, e existe a vida, sua inimiga". Essa percepção foi combatida pelo cinema de muitas formas, sobretudo pelo filão apelidado de RomCom, que teve *'Uma Linda Mulher'* (1990) e *'Sintonia de Amor'* (1993) como ápices – em Hollywood, pelo menos. Bem antes disso, o Brasil cravou *'Todas as Mulheres do Mundo'* (1966), de Domingos Oliveira, e a França teve François Truffaut (1932-1984), com seus *'Beijos Proibidos'* (1968). É de lá mesmo, de terras francesas, que vem *'Chronique*

d'une Liaison Passagère', um estudo sobre o desatino no gostar (de alguém).

No sapatinho, sem fazer alarde, o trabalho mais recente do cineasta Emmanuel Mouret virou cult no âmbito dos afetos. Nasceu na mostra Cannes Première de 2022 e vendeu cerca de 320 mil ingressos em solo francês, um ano e meio após a consagração de Mouret com *'Les Choses Qu'On Dit, Les Choses Qu'On Fait'*, considerado sua obra-prima. Este ano, ele voltou ao circuito com *'Três Amigas'*, lançado no Festival de Veneza. A desenvoltura dele no terreno da RomCom é surpreendente, a se julgar pelo estilo de recorrente azedume de seus filmes. O que ele arranca de Sandrine Kiberlain e Vincent Macaigne evoca Meg Ryan e Tom Hanks em longas como *'Mensagem Pra Você'* (1998).

"A dinâmica deste filme é livre, operando com lima mulher que se reconhece autônoma, sem amarras, e um homem que se sente culpado por desejar-lá", disse Sandrine ao Correio da Manhã em Paris, durante o fórum *Rendez-vous Avec Le Cinéma Français*. "O que me atraiu para esse projeto foi a possibili-

dade de construir uma figura feminina que, apesar de conhecer o medo da solidão, escolhe viver".

Macaigne virou seu ator assinatura. Barbudinho, taquicárdico, sem prumo em suas incertezas e falador, ele encarna o obstetra Simón, a quem transforma num ímã de gargalhadas. A gente ri de nervoso com as inseguranças dele ao conjugar o verbo "eu quero". Na trama, ele, casado e pai, passa a arrastar um caminhão por uma mulher empoderada, mãe solteira e cheia de certezas chamada Charlotte, interpretada pela campeã de bilheteria Kiberlain. Durante a sessão do longa em Cannes, o Palais des Festivals vinha abaixo de rir com os dois. Sua dramaturgia se estrutura sobre um acordo que os dois travam para transarem sem culpa: vai ser passageiro. Deveria, mas não é. A delicadeza com que Mouret, à direção, explora o modo nada barthesiano com que o discurso amoroso se fragmenta é envolvente.

"Existem diretores cinéfilos que buscam reproduzir na tela aquilo que eles viram de melhor, e há cineastas como eu, que exploram a liberdade, que buscam a surpresa, ainda que sob a luz do que viram antes", disse Mouret ao Correio, também no *Rendez-vous*. "Existe um gênero, o 'filme de amor', que já passou por Woody Allen, por Truffaut, mas existe algo além. Existe a moral que nos prende a uma forma de querer".

Em 2021, ele reinou nas indicações ao César. O Oscar à francesa é entregue desde 1976 pela Académie des Arts et Techniques du Cinéma, nos mesmos moldes da Academia de Hollywood. Trata-se de um troféu de bronze estimado em cerca de 1,5 mil, batizado com o nome de seu escultor, César Baldaccini (1921-1998), artesão do Nouveau Réalisme europeu. Mouret brigou por esse troféu em várias frentes ao se apoiar na tese de que a paixão é um analgésico para as dores do mundo, expressa no drama *'Les Choses Qu'On Dit, Les Choses Qu'On Fait'*. Sua narrativa mostra o encontro inesperado entre dois jovens que se apaixonam, mesmo ela já estando envolvida com um outro homem, de quem está grávida.

"Existem códigos que levamos para o dia a dia de nossas relações que nasceram com o cinema, em tela grande, como troca simbólica. Mas nós repetimos esses elementos simbólicos na vida real. A maneira como o cinema afetou a realidade consciente que vivemos me faz pensar que não há apenas sexo envolvido na aproximação entre duas pessoas, há um sentimento de pertença, existe um carinho", diz o cineasta. "A maneira que eu tenho para expressar essa relação é pelo lirismo, que pode ser triste, sem perder seu vigor".

A mítica da pombagira e a força da mulher são temas de espetáculo que chega ao Teatro Henriqueta Brieba

Histórias inéditas e novos elenco e figurino se somam ao espetáculo “Encruzilhadas” da atriz e diretora Bia Laere. Após o sucesso da primeira temporada em palcos do Rio, São Paulo, Belo Horizonte e Curitiba, a peça passou por renovação para a segunda turnê e nesta quinta (19), será apresentada no Teatro Henriqueta Brieba, no Tijuca Tênis Clube.

No palco, ao lado de Bia, estão Rhaissa Xavier, Alexandre Gonçalves e a musicista Vanessa Xavier, que faz participação ao vivo. Há novidades também na equipe de produção e na atualização visual. “Temos novas histórias para contar, além das que o público já conhece e ama. Nossos cenário e figurino também foram totalmente reformulados, dando espaço para criações espetaculares”, celebra a diretora.

Mesclando presente, passado e futuro, a peça narra a jornada de sete mulheres que se tornaram ‘entidades pombagiras’ – personagem mítica das religiões de matrizes africanas. Com um texto poético, vigoroso e performances envolventes, as atrizes abordam também um tema muito discutido nos dias de hoje: o feminicídio e outras formas de violência contra a mulher. O contexto das religiões de matrizes afro-brasileiras, frequentemente alvo de preconceito, oferece um pano de fundo significativo para a narrativa.



Histórias das encruzilhadas

Bia Laere é a idealizadora, diretora e atriz de ‘Encruzilhadas’

Idealizada e escrita por Bia Laere, “Encruzilhadas” é um espetáculo independente. “Esse processo de reformulação está sendo maravilhoso, mas envolve um investimento alto. O que me move é a fé na importância desse trabalho que fala das pombagiras, figuras tão demonizadas na nossa sociedade, mas que no fundo são apenas mulheres. Suas histórias são lindas, fortes, inspiradoras e merecem ser contadas”, diz.

Com formação em História e pós-graduação em Psicanálise,

Bia Laere trilhou um caminho singular que combinou sua paixão pela arte com seus estudos acadêmicos. Sua incursão no mundo artístico teve início aos 19 anos, quando ingressou no Teatro Miguel Falabella, um ambiente que viria se tornar palco de suas futuras performances profissionais. Mais tarde, aprimorou suas habilidades estudando Teatro e Performance na renomada Universidade de Edimburgo, na Escócia, explorando também o teatro físico e

o de máscaras sob a orientação do Grupo Teatral Moitara, além de obter uma pós-graduação em Artes Performativas.

Apesar do currículo de viés artístico, inicialmente Bia não imaginava seguir o caminho das artes. “Sempre fui quieta, tímida e esquisita, mas profundamente artística. Cresci dizendo que a única coisa que jamais faria era ser atriz!”, conta. Ela lembra que tudo mudou quando assistiu a um espetáculo onde sua irmã atuava. “Naquele momento, me

apaixonei profundamente pelo teatro. Foi o início da descoberta da minha paixão e propósito de vida. O teatro é o sangue que corre nas minhas veias e o que me mantém viva.”

SERVIÇO

ENCRUZILHADAS
Teatro Henriqueta Brieba
(Tijuca Tênis Clube - Rua Conde de Bonfim, 451)
19/12, às 20h
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

'A música é cenário que provoca a imaginação'

José de Holanda/Divulgação

Ator, músico e autor de trilhas sonoras para o teatro, Muato fecha 2024 com importantes premiações e fala de projetos para o próximo ano

Cria de Vila Isabel, o multiartista Muato tem muitos motivos para comemorar o ano de 2024. Ganhador do 34º Prêmio Shell de Teatro pela direção musical, percussão corporal e trilha original de "Pelada - A Hora da Gaymada", ele acaba de conquistar o Prêmio Fita de Teatro, na categoria música, por "O Admirável Sertão de Zé Ramalho", com Plínio Profeta. Outro motivo de grande alegria para Muato é a superprodução "Ray — Você Não Me Conhece", que homenageia o icônico artista norte-americano Ray Charles, na qual assina as composições e divide a direção musical com Claudia Elizeu. Após a temporada de estreia de imenso sucesso, ela retorna no dia 17 de janeiro e vai até 9 de fevereiro no Teatro B32, em São Paulo. Aclamada por público e crítica, a peça tem nas sonoridades que formam sua musicalidade seu ponto alto, com atuações impactantes.

"A voz, cantada ou falada, o caminhar pelo palco, o som dos instrumentos musicais, as palmas, a respiração, todas as sonoridades são, na perspectiva do espetáculo, música. A concepção nasce a partir da reflexão sobre a importância do som na existência do ser humano Ray Charles", explica Muato. "A música é cenário quando provoca a imaginação e/ou induz a memória a sentir lugares, ambiências, atmosferas. É também dramaturgia quando operisticamente conta a história por meio das canções de Ray Charles ou por meio de composições originais que se harmonizam e se fundem com o texto para potencializar o sentir das palavras", acrescenta.

Ainda sobre o processo de concepção musical em "Ray — Você Não Me Conhece", ele



Muato é um compositor reconhecido por sua criatividade e sofisticação

revela como a tecnologia se faz presente em um espetáculo que perpassa acontecimentos e marcos vividos no século passado e uma ancestralidade que ecoa cada vez mais forte.

"A tecnologia se põe a serviço da dança das vozes, do processamento de sonoridades e da criação de uma conexão temporal entre a música que fundamentou a cultura negra norte-americana em meados do século passado e o uso de sintetizadores e camadas digitalmente construídas com midis e samples. É também pelo som que observamos a linha que nos conecta como corpos afrodiáspóricos, em nossos cantos de lamento, nossos batuques, vozes, rituais e nosso apontar estético para a liberdade. Um grito sensível que evidencia o lugar de vanguarda expressiva que a música negra sempre ocupou", destaca.

Compositor reconhecido por sua criatividade e sofisticação, Muato foi responsável por dois dos quatro trabalhos indicados ao Prêmio Shell de 2024, mas também participou como instrumentista e cantor de "Em busca de Judith", trabalho assinado por Pedro Sá Moraes. "Os prêmios e indicações chegam

em um momento muito importante. O ano foi de muita intensidade em todos os trabalhos. Esse reconhecimento coloca uma carga de energia extra para os próximos movimentos", comemora Muato.

Além da peça sobre Ray Charles, Muato é também destaque nos musicais "O Admirável Sertão de Zé Ramalho", quando foi aclamado pela crítica e pelo público atuando no palco — interpretando um jovem Zé Ramalho — e na direção musical (assinada em parceria com Plínio Profeta), e "Djavanear - Um Tanto Flor, Um Tanto Mar", assinando a direção musical com Alfredo Del-Penho para dar forma ao repertório interpretado no palco pelo elenco formado por Karen Júlia, Leila Maria, Mattilla, Paula Santoro e Tontom Périssé.

Em "Chega de Saudade!", onde faz direção musical, ao lado de Felipe Storino, e encena, retoma-se ficcionalmente personagens, biografias e memórias da Bossa Nova no Rio de Janeiro das décadas de 1950 e 1960, em uma versão somente com atrizes e atores negros. "O espetáculo 'Chega de Saudade!' teve um processo em que muito foi construído

pela força do elenco. As ideias musicais foram surgindo nos ensaios e nós tínhamos o desafio de apresentar um certo ar de Bossa Nova, mas visando romper os padrões do gênero musical. A intenção era fazer uso dessa estética para manifestar uma ideia política", revela.

Muato é oriundo de Vila Isabel, bairro da Zona Norte carioca famoso por revelar ícones da nossa cultura, como Noel Rosa, Martinho da Vila e Carlos Dafé - e iniciou sua trajetória no estudo da música de concerto, mas foi muito além, se destacando pela sua atuação em diversas frentes e expressões artísticas.

Assina trilhas de diversos espetáculos de destaque no teatro e no cinema como "O Pequeno Herói Preto", "Oboró, Masculinidades Negras" e "Rio Negro". A notoriedade do seu trabalho já o levou a conquistar prêmios no Brasil e no exterior, como o Awards Deutscher Rock & Pop Preis, na Europa, e o prêmio APTR. Em 2024, venceu o 34º Prêmio Shell de Teatro pela direção musical, percussão corporal e trilha original de "Pelada - A Hora da Gaymada", trabalho com o Complexo Negra Palavra, grupo que Muato integra desde 2019. A peça faz o cruzamento da clássica pelada heterossexual com a "gaymada" (adaptação do tradicional "jogo de queimado" pela população LGBTQIAPN+ periférica). A montagem apresenta os bastidores da disputa de dois times pelo uso do Campo do Furão — campo localizado em Olaria, na Zona Norte, antes que uma empreiteira o compre. Com a comédia em sua raiz, conta uma típica história do subúrbio, com o embate entre o conservadorismo de um campo tradicionalmente de futebol e o desejo da realização do primeiro Campeonato de Gaymada em Olaria.

Como cantor e compositor, destaque para o projeto "AfroLove Songs ou A Canção Urbana de Amor Política", série musical e poética sobre o amor vivido por pessoas negras, mergulhando na música urbana com sofisticação poética e flerte estético com o R&B, Rap, Música Brasileira e Jazz. O projeto tomou tamanha proporção que se desdobrou nas criações do festival "Afrolove", que reúne e protagoniza a juventude preta do Rio de Janeiro nas suas mais diversas expressões artísticas, e na "Muato Sessions", que integra shows itinerantes e conexões com diversos artistas.

Um sucesso das Arábias

Aos 25 anos, o saudita Mishaal Tamer conquista números expressivos nas plataformas digitais e redes sociais e lança 'Home Changing', seu álbum de estreia, com 33 (!) canções autorais

Por Affonso Nunes

Mais de 1,3 milhão de ouvintes mensais no Spotify, 1 milhão de seguidores no TikTok e autor de trilha sonora para games como Assassin's Creed e PlayerUnknown's Battlegrounds. Aos 25 anos, o cantor e compositor Mishaal Tamer une pop, indie e hip hop numa mistura única vem conquistando o público jovem ao redor do mundo, incluindo o Brasil, quarto lugar do mundo que mais ouve suas canções.

O artista árabe acaba de lançar "Home Changing", seu álbum de estreia. Trata-se de um projeto usado: 33 faixas divididas em cinco CDs, que apresentam temas diferentes, como amor, decepções

e saudades, com destaque para as faixas "Ataraxia", "Keep it Up", "Itty Bitty" e "Baba Fein".

Nascido na Arábia Saudita, filho de mãe equatoriana, Mishaal descobriu seu amor pela música após um acidente sofrido quando tinha nove anos de idade: quebrou o braço e a operação o deixou com 32 pontos. A cirurgia consertou seu osso, mas o dano nervoso em seus dedos foi duradouro. Para ajudar na reabilitação, um médico o encorajou a tocar violão. Com o passar do tempo, começou a postar canções criadas com um laptop e o microfone do Xbox no Instagram, conquistando o público rapidamente com o clipe viral "Can't Love Myself", que dura apenas dez segundos, e o single "Arabian Knights".

Bullying

Mas antes do sucesso, o jovem artista sofreu bullying na escola, provocado pelos outros alunos por conta de sua herança mista. "Eu me senti tão sozinho", comenta em suas entrevistas sempre que fala do passado. Mudando-se para a Jordânia para frequentar um internato quando adolescente e com uma musicalidade interior ardendo para ser ouvida, ele começou uma banda de heavy metal e mais tarde explorou o indie pop e depois o jazz. À beira da idade adulta, foi aceito no Clive Davis Institute of Recorded Music em Nova York, tornando-se o primeiro saudita na escola. Sua primeira demo, "Arabian Knights", uma produção de baixo orçamento, chamou a atenção de várias gravadoras. Por fim, assinou com a RCA.



“Por meio da minha música, quanto mais vulnerável e honesto eu sou com quem ouve, mais isso se conecta e talvez ajude alguém lá fora”

Mishaal Tamer



Mishaal Tamer começou a tocar violão para mitigar os danos causados por uma cirurgia realizada na infância e hoje é um compositor de sucesso. Seu primeiro álbum é dividido em cinco temas, cada um resultando num CD

Hoje, o artista fala abertamente sobre se sentir sozinho, o fim de um relacionamento de longo prazo, perder dois amigos para o suicídio e sentimentos sombrios que às vezes pareciam engolir seu espírito. "Recentemente, saí de um capítulo muito sombrio da minha vida", ele revela. "Por meio da minha música, quanto mais vulnerável e honesto eu sou com quem ouve, mais isso se conecta e talvez ajude alguém lá fora. Alguém que pode estar passando ou já passou pelo que eu passei."

Em maio deste ano, Mishaal fez sua estreia ao vivo no Reino Unido com um show esgotado no Camden Assembly, em Londres. Desde 2023, ele tem uma parceria com banda OneRepublic, com quem lançou "Mirage" (para a trilha sonora do game Assassin's Creed), além de abrir turnês no Oriente Médio, Ásia e Europa, incluindo um show esgotado na Wembley Arena. O artista também lançou "Winner Winner" como parte da trilha sonora do jogo PlayerUnknown's Battlegrounds e criou a trilha sonora para o Gamers8, o maior festival de games do mundo, realizado no ano passado.

ENTREVISTA / SABRINA KORGUT, ATRIZ E CANTORA

'As canções natalinas criam pontes entre culturas'

Ézio Philot/Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Já é Natal... e não só na Leader Magazine - como nos lembra, ano a ano, um dos reclames mais famosos da publicidade brasileira - mas também nos palcos, espaço de onde Sabrina Korgut jamais arreda o pé. Pudera! É difícil pensar em musical, no Rio de Janeiro, sem lembrar da atriz, que é uma das mais talentosas e prolíficas estrelas do gênero, vide o show que performou em sucessos teatrais como "Cauby Cauby". Neste 19 de dezembro, às 19h, seu vozeirão de veludo há de reverberar pelo Teatro Claro Mais Rio, em Copacabana, no elenco de "Fascinante Natal", ao lado de estrelas de talento coruscante como Jules Vandystad, Analu Pimenta e Fabricio Negri. O repertório em cena é uma evocação ao Papai Noel. Passeia pelo jazz norte-americano e por ritmos brasileiros a reinventar clássicos tipo "Have Yourself a Merry Little Christmas" e "All I Want for Christmas is You", além de "Ave Maria" e "Boas Festas". É Jingle Bell para todo lado, numa performance que festeja a comunidade.

Ao largo de sua trajetória nos palcos, Sabrina criou um projeto para a exibição (em 35mm) de filmes cultuados em Petrópolis, no Teatro Imperial, do qual é diretora ao lado do produtor Paulo Lopez. Há uma nova leva de títulos vindo aí em 2025. Ela antecipa alguns no papo a seguir, ao dimensionar seu histórico com o canto e sua incursão no hinário natalino que celebra a chegada Bom Velhinho.

Qual foi o cancionário natalino que fez a sua cabeça (e seus tímpanos) em sua formação



como atriz e cantora? O que desse repertório faz parte do espetáculo?

Sabrina Korgut: Acho que é impossível pensar no Natal sem lembrar de "Noite Feliz". É uma canção que sempre esteve presente durante as ceias e no dia do nascimento de Jesus. Acho que "Noite Feliz" é uma música muito emblemática dessa época. No espetáculo, buscamos incluir praticamente todas as canções natalinas conhecidas, aquelas que despertam memórias afetivas e trazem o espírito de comunhão, paz e celebração junto aos nossos entes queridos.

O que esses hits de Natal mais revelam sobre a cultura dos standards, sobretudo os americanos? De que forma a temática natalina se renova e oxigena o cancionário pop?

“Acho que é impossível pensar Natal sem lembrar de 'Noite Feliz', uma música muito emblemática dessa época”

Sabrina Korgut

As canções natalinas mostram como os standards americanos conseguem criar pontes entre culturas, ritmos, melodias e poesias, que são interpretadas por pessoas ao redor do mundo, em diferentes línguas. Essas músicas permitem releituras que conectam o tradicional

ao contemporâneo e moderno, já que suas melodias e harmonias oferecem essa flexibilidade para novas interpretações.

Há algum hit natalino brasileiro que você cante ou de que goste?

Não acho que haja um hit específico. No espetáculo, apostamos em algo diferenciado, com arranjos vocais a quatro vozes e momentos emblemáticos de solos. Incluímos grandes temas que se eternizaram nas vozes de ícones como Frank Sinatra, Michael Bublê, Judy Garland e Mariah Carey. São músicas imortais, e o espetáculo é uma grande celebração da beleza dessas composições.

Você é uma das mais respeitadas (e prolíficas) estrelas de musical no Brasil. De que maneira

essa indústria se mantém hoje? Que novos musicais estão nos seus planos para 2025?

Hoje em dia, o teatro musical conseguiu se consolidar no Brasil. O mercado está mais aberto e o público mais receptivo. Isso tem permitido a realização de produções estrangeiras e o fortalecimento de espetáculos autorais nacionais. Essa união de música, dança e atuação é o que define o teatro musical, e o interesse crescente tem atraído novos profissionais e jovens que querem aprender mais sobre essa profissão. Em 2025, voltaremos com "Elas Brilham", que foi um verdadeiro fenômeno. Em 2024, fizemos uma das maiores turnês de musicais no Brasil, passando por 13 cidades. Em 2025, teremos uma temporada curta no Teatro Claro Mais Rio, no Rio de Janeiro, com esse espetáculo que celebra o feminino.

Como tem sido a experiência com filmes em Petrópolis e o que está programado para 2025?

O projeto de cinema em 35mm é um resgate histórico, especialmente para os apaixonados pela sétima arte, já que esse formato é considerado o mais tradicional da história do cinema. Temos grandes parceiros, como o CTA v e a Ancine. Ainda não definimos o cronograma completo dos filmes, pois se tratam de obras raras, e há toda uma burocracia e cuidado por parte das entidades para a cessão dessas películas, que são verdadeiros tesouros. Para 2025, já temos programados filmes como "Deus é Brasileiro", com Antônio Fagundes e direção de Cacá Diegues; "Chuvvas de Verão", além dos documentários "Cabra Marcado Para Morrer" e "Janela da Alma". Será uma programação especial no Cine Teatro Imperial.

O pai francês da HQ brasileira

Exposição na Biblioteca Nacional apresenta a obra do ilustrador Sébastien Auguste Sisson, litógrafo oficial do Brasil Império e criador da primeira história em quadrinhos publicada no Brasil



Fotos/Instituto Sébastien Sisson

Entre as criações de Sisson, charges de humor e litogravuras de paisagens do Rio Antigo e de personalidades do século 19 como o escritor José de Alencar e o imperador D. Pedro II



Sébastien Auguste Sisson: um olhar importante sobre a sociedade brasileira no Segundo Império

metade dos anos 1800 e divertidas charges e caricaturas que ilustraram periódicos daquela época, incluindo a primeira história em quadrinhos brasileira (“O Namoro, Quadros ao Vivo”), publicada em “O Brasil Ilustrado” de 15 de outubro de 1855.



Sébastien Sisson tem sua história intimamente ligada à Biblioteca Nacional. Na mais antiga instituição cultural do Brasil, fundada em 1810, o artista foi responsável por restaurar gratuitamente inúmeras gravuras que tinham se desgastado ao longo dos anos. Tal

feito rendeu-lhe condecoração dada pelo imperador D. Pedro II.

Para o presidente da Biblioteca Nacional, Marco Lucchesi, Sisson é uma das “lentes mais poderosas do século XIX no Brasil” por ter ampliado o olhar a respeito da história do próprio país por meio da litografia. “Sisson deu rosto ao que hoje talvez não alcançasse mais que uma frase ou parágrafo. Permitiu a realização de biografias ilustradas, em sua famosa e rara galeria. Uma perfeita conjunção entre a arte da foto e da litografia, mediante uma correta utilização do claro-escuro, da distribuição das figuras, bem como de certa imaginação e delicada ironia”, observa.

“Foi também uma artista conhecido pela sequência de imagem e palavra, como percurso de quadrinistas, entre o palácio e a rua, o rosto e a paisagem, sem perder uma atmosfera difusa, nítida e eloquente, quanto mais sutil e difusa”, acrescenta.

Genealogista e designer, empresária do ramo de memória, especialista em Projetos de Design de História de Família, Bárbara explica que o início de sua paixão por genealogia foi por acaso. Interessada em desvendar detalhes sobre a família do marido, Christian Sisson, tataraneto de Sébastien, a curadora resolveu pesquisar sua árvore genealógica. Ao descobrir a participação importante do tataravô do esposo na história do País, percebeu que tinha algo extremamente valioso em mãos e, assumindo para si a responsabilidade de cuidar dessa memória, decidiu criar o Instituto Sébastien Sisson (sebastiensisson.org), do qual é diretora-geral.

Nascido em 2 de maio de 1824 na cidade em Issenheim, região da Alsácia, na França, Sisson chegou ao Brasil, na então capital do Império, o Rio de Janeiro, em 1852, aos 28 anos de idade, onde se estabeleceu como desenhista-litógrafo, produzindo uma obra artística notável de grande relevância histórica.

No País, para além dos retratos, o litógrafo também se tornou conhecido por realizar gravuras dos cenários do Rio de Janeiro do século XIX. E indo além, Sisson tinha a preocupação em promover as artes por meio da educação. Por isso, o artista foi um dos 99 fundadores da Sociedade Propagadora das Belas Artes, que, por meio do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, promoveu gratuitamente o ensino técnico-profissional e artístico no Brasil.

SERVIÇO

SISSON, 200 ANOS

Biblioteca Nacional (Av. Rio Branco, 219)
Até 22/1, de segunda a sexta (10h às 17h)
Entrada franca

Boa parte de eventos marcantes da história social e política brasileira do período imperial ganharam destaque graças aos retratos feitos por Sébastien Auguste Sisson. Em celebração ao bicentenário de nascimento do artista francês radicado no Brasil, a Fundação Biblioteca Nacional (FBN) recebe a exposição “Sisson, 200 Anos”, que exalta a obra do autor da primeira história em quadrinhos (HQ) do Brasil e da maior coleção de retratos originais publicados no país. A exposição é uma parceria da FBN com o Instituto Sébastien Sisson.

Com curadoria de Bárbara Ferreira, a exposição reúne obras raras da iconografia brasileira e demais itens históricos de grande valor, oferecendo uma jornada única pela história do Brasil por meio do estreito relacionamento do artista com a Biblioteca Nacional e do grande acervo de sua autoria preservado pela instituição.

A exposição traz mais de 170 itens históricos que apresentam a especialidade artística de Sisson: os retratos litografados. São mais de 100 retratos de personalidades históricas do Brasil do século XIX, entre eles de D. Pedro II e de José de Alencar.

Outras duas importantes vertentes artísticas de Sisson serão exibidas: as belas gravuras de paisagens e monumentos da segunda